



5409 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT13 - Educação Fundamental

?OUVINDO OS CONSELHOS DOS YOUTUBERS, EU SINTO QUE POSSO SER UM LEITOR?: OS SENTIDOS QUE OS JOVENS DAS CLASSES POPULARES ATRIBUEM AOS CANAIS DE RESENHAS LITERÁRIAS NO YOUTUBE
Alessandra da Costa Abreu - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Agência e/ou Instituição Financiadora: UERJ/Proped

“OUVINDO OS CONSELHOS DOS YOUTUBERS, EU SINTO QUE POSSO SER UM LEITOR”: OS SENTIDOS QUE OS JOVENS DAS CLASSES POPULARES ATRIBUEM AOS CANAIS DE RESENHAS LITERÁRIAS NO YOUTUBE

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados de uma pesquisa de doutorado em andamento que venho construindo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a perspectiva dialógica e alteritária da produção de conhecimento de Mikhail Bakhtin. Este estudo tem se constituído a partir das rodas de conversas com jovens do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal de São Gonçalo, em diálogo com os canais literários do YouTube. Levando em consideração que existe hoje uma discreta produção acadêmica que discute a produção literária em espaços não escolares, mais do que respostas essa investigação vem trazendo novas perguntas. O debate sobre como a literatura vem sendo encarada pelos jovens dentro e fora da escola nos convida à reflexão sobre a desconfortável relação de estranhamento que tem se colocado entre professores e alunos na complexidade do cotidiano, entendendo que essas aproximações podem se constituir espaços potentes, reveladores de significados para o debate educacional.

Palavras chave: leitura, literatura, juventude e YouTube.

Introdução:

Este artigo busca trazer discussões em torno de novas práticas que se configuram no espaço da internet e destaca para discussão e análise os canais de resenhas literárias do YouTube. Para Bakhtin (2010), a literatura é parte inseparável da cultura e por isso não deve ser interpretada fora do contexto cultural de uma época. Queiroz (2017) amplia essa discussão defendendo que, por meio do texto literário no cotidiano, é possível viver a alteridade constitutiva e compreender o universo sócio-histórico que nos atravessa.

As mudanças sociais hoje acompanhadas pelas juventudes estão ressignificando a maneira de se relacionar com o saber. Com o advento da internet, a divulgação de informação se revolucionou de forma muito intensa, de tal modo que, no futuro, para identificar determinados períodos históricos, estudiosos podem optar por usar a expressão a. i. (antes da internet) e d. i. (depois da internet). Nas últimas décadas, a tecnologia digital transformou as relações, a informação e o saber. Deixou de ser um recurso mirabolante e agora faz parte da vida. Não há como pensar nas novas tecnologias apenas como um suporte. O que ocorre fora da escola, via internet, é a democratização do pensamento, como se a tecnologia fosse mais um membro do nosso corpo e é por isso que a escola precisa buscar compreender os sentidos a que os jovens atribuem a este artefato cultural da atualidade.

Para iniciar esta discussão, gostaria de apresentar duas cenas.

Cena 1

Juan é um jovem pobre, morador de favela, que estuda em uma escola de 2º segmento do Ensino Fundamental. Trabalha todas as manhãs em uma oficina mecânica como ajudante e à tarde vai para a escola. Ainda não sabe por que continua indo para a escola, já que sempre é criticado pelos seus professores porque tem dificuldade para compreender os enunciados dos exercícios propostos em sala. Muitas vezes é convidado a retirar-se de sala porque está conversando com um colega, visto que não consegue acompanhar a explicação dos exercícios dada pelo professor. Atualmente, vem se esforçando para tornar-se um leitor, assistindo a vídeos no YouTube e acompanhando os conselhos dados no canal “Chiclete Violeta” pela youtuber Vick, pois ainda acredita que o estudo possa mudar a sua história de vida.

Cena 2

Lucas é um jovem pobre, morador da periferia; trabalha como catador de materiais recicláveis. Estuda no 1º segmento do Ensino Fundamental e vem apresentando péssimos resultados escolares. Certo dia, ao final da aula, Lucas foi convidado a comparecer à mesa da professora para uma conversa individual; ali descobriu que precisa melhorar a fluência de textos para ser aprovado para o próximo ano escolar. Em total desespero de aprender a ler melhor, ele começa a tentar ler todos os textos escritos que aparecem, até que encontra um livro na rua; mas como encontra dificuldade para compreender o que está escrito no material, sai à procura de pessoas que possam ajudar a elucidar o significado das palavras encontradas, pois sabe que esse sacrifício é importante para mudar a sua realidade social.

Podemos encontrar muitas semelhanças entre as duas narrativas; por exemplo, o fato de se tratar de histórias de vida de jovens que buscam no acesso à leitura uma estratégia para a mudança da sua realidade cotidiana. As duas histórias, apesar das semelhanças, foram produzidas em situações muito distintas. A primeira é a história de um jovem morador de São Gonçalo que estuda na Escola Municipal Paulo Régulus Neves Freire; a segunda é o enredo de um curta-metragem brasileiro lançado em 2012, *Meu amigo Nietzsche*, dirigido por Fáuston da Silva, com André Araújo Bezerra, Juliana Drummond, Abaeté Queiroz, Alessandra da Silva e Andrade Jr. O filme já teve o reconhecimento do público e da crítica especializada em muitos festivais de cinema no Brasil e no exterior. Existe uma linha muito tênue entre a semelhança e a diferença entre as duas histórias.

No curta-metragem, quando é visto no cinema ou em casa, nos deparamos emocionados com o fato de o jovem conseguir ler ao final da trama, ajudado pelo seu empenho e sua busca pela interpretação do livro, mas a história verídica do jovem Juan, muitas vezes por se tratar de uma cena do cotidiano escolar, acaba sendo emudecida ou simplesmente ignorada por outros casos de sucesso ou de fracasso. O autor da trama parece nos querer tirar o chão quando apresenta a narrativa ou quem sabe fazer uma denúncia sobre a questão do analfabetismo funcional no nosso país.

Antes de ingressar no doutorado, quando esta investigação era apenas uma intenção de pesquisa, mesmo sendo professora com origem familiar pobre, trazia comigo alguns preconceitos pelo fato de os jovens da E. M. Paulo Régulus Neves Freire se interessarem pelos canais de resenhas literárias, porque se tratava de jovens pobres, moradores em áreas de vulnerabilidade social e que na escola apresentam grande desinteresse pelo processo de leitura e escrita, mas que apreciam a divulgação da literatura em espaços *online*. O que mais me chamou a atenção foi perceber que a maioria dos *youtubers*, jovens resenhistas, era de classe média e alta, estudantes universitários na área de Jornalismo, Publicidade ou Letras.

Fiquei por meses pensando: como essas experiências tão discrepantes poderiam se entrelaçar de algum modo? Como essa questão continuava fervilhando na minha cabeça, depois de alguns encontros iniciais com o grupo da pesquisa na escola pesquisada, conversei com o estudante Juan, que desabafou: “Sempre tive dificuldades para ler os livros da escola, mas ouvindo os conselhos do canais eu sinto que posso ser um leitor”. A experiência do jovem estudante Juan, que enfrenta no cotidiano sua dificuldade com o processo de leitura e escrita e que busca outros meios além da escola para superar tais dificuldades, pode dialogar com tantas outras histórias de jovens pobres de muitas escolas

brasileiras, mas também com o curta-metragem de Fáuston da Silva.

No filme: “Meu amigo Nietzsche”, um jovem pobre que estava prestes a repetir de ano na escola devido à sua dificuldade no processo de aquisição da leitura e da escrita é aconselhado pela professora a ler mais. Como é de origem pobre e com poucos livros em casa (ou nenhum), ele começa a ler tudo que vê escrito pelas ruas: placas, anúncios, cartazes e muros; mas, motivado por uma pipa nos ares e ao ver os seus amigos correndo, o jovem viola um aviso de ultrapassagem proibida e entra em um lixão. Ali encontra um clássico da literatura: Nietzsche. Apesar de já ter enfrentado muitas experiências que o fizessem desistir da leitura, o jovem começa a missão de decifrar o novo livro. Por não conseguir ler o nome do autor do livro, pensa em desistir, mas, motivado por um amigo a buscar o significado das palavras não compreendidas, o jovem sai em investigação pelas ruas do bairro, pela família e pela escola. Nas palavras do amigo, “quando você não souber o significado de uma palavra, sai perguntando para todo mundo que você encontrar, até que você realmente entenda”. Foi isso que o estudante procurou fazer: perguntava até entender e dava prosseguimento à leitura do livro.

A partir da nova bagagem de leitura, o menino começa a fazer novos questionamentos; no entanto, a família e a escola veem com estranheza esses novos hábitos. Na visão da mãe, esse comportamento é coisa do demônio e apenas a igreja poderá salvá-lo, enquanto a professora acredita que, pelos muitos questionamentos trazidos, ele poderá se tornar uma liderança negativa na escola. A trama do curta se passa na cidade Estrutural, periferia do Distrito Federal, e propõe uma reflexão sobre a desigualdade social sob a perspectiva da educação, com uma abordagem repleta de humor e fluência narrativa.

Tentei colocar-me no lugar da professora retratada na trama e rever os meus preconceitos e questionamentos: Como os canais literários, que na maioria das vezes são divulgados e publicados por jovens de outras classes sociais, podem dialogar com os jovens de periferia? Percebi que, assim como a visão preconceituosa que a mãe do jovem e a professora da trama retratada pelo diretor Fáuston da Silva, também nós educadores precisamos escutar mais os nossos jovens, sem rótulos ou estigmas. Lembrei de Benjamin (2002), em “A vida dos estudantes”. Segundo ele, “para a grande maioria dos estudantes, a ciência é uma escola profissionalizante. Já que ‘ciência não tem nada a ver com a vida’, então ela deve moldar com exclusividade a vida de quem a segue” (p. 32). Fiquei me perguntando: quantas vezes nós, professores, contribuímos para que os estudantes continuem pensando isso da escola? Sei que a resposta seria: muitas. Professores e alunos “passam uns pelos outros e nunca se enxergam” (Benjamin, 2002, p. 34).

Como mudar essa visão reducionista da escola? Sabemos que não é tarefa fácil, mas um desafio diário na vida de qualquer educador. Nos dois contextos apresentados no início deste texto ocorreram mudanças no entrelace da experiência com a leitura. O jovem Lucas, que no início era considerado um péssimo aluno, começa a mudar os seus hábitos, a dominar conceitos, a falar bonito e a expor raciocínios impressionantes, assim como o Juan da Escola Municipal Paulo Régulus Neves Freire, que, pela influência dos canais de literatura, percebe que é capaz de se tornar leitor.

Sempre tive muitas dificuldades para juntar as letras, as palavras, sei lá, mas o quê? Sei que sempre fui considerada incapaz para a escola ou quem sabe para mim mesma. Repeti vários anos o terceiro ano do Ensino Fundamental. [...] Hoje acho que já sei ler, com dificuldades, mais sei. Assistindo aos “canais de livros”, vejo que muitas pessoas têm facilidade com a leitura, mas vejo também que muitas pessoas, assim como eu, não conseguem ler livros grossos. Conversei com a Vick através da página do canal “Chiclete Violeta” e ela disse que é assim mesmo, ler é um exercício maravilhoso. Hoje eu leio uma frase, amanhã uma página e, quando vou ver, já li o livro inteiro. Hoje, posso dizer que acredito na leitura como algo que faz parte da minha vida e fico feliz por isso (Juan, 16 anos).

Em *Meu amigo Nietzsche*, a professora diz que seria muito difícil para o jovem conseguir ler o livro de um filósofo, mas com muita pesquisa realizada pelo próprio jovem, o livro se tornou um ótimo instrumento de formação. Quantas vezes deixamos de trazer certos tipos de textos para a escola porque acreditamos ser de difícil compreensão para este ou aquele segmento de ensino ou faixa etária? Nietzsche foi um filósofo que defendia que tudo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal. Pelas narrativas dos estudantes sobre as suas experiências com a leitura antes do YouTube, percebemos que a escola ainda precisa avançar muito no diálogo com os seus estudantes. Com esta pesquisa inicial, tenho tido acesso a depoimentos de estudantes que tiveram professores que foram muito importantes nesse processo de tornar-se leitor; entretanto, alguns relatos ainda não reconhecem atração no repertório de leitura oferecido pela escola. Onde estamos errando? Qual é o papel da escola nesse processo? Por que os canais de literatura estabelecem um diálogo com os jovens que parece ainda não existir na escola? Algumas jovens narraram que o anonimato oferecido pelo ambiente *online* contribui para que tenham coragem de fazer qualquer pergunta.

Jorge Furtado, em um texto proferido em 1995 na palestra “A TV do futuro”, traz alguns questionamentos sobre o impacto que as imagens vêm causando na nossa sociedade e anuncia que “num futuro próximo, o ser humano comum se tornará um importante fenômeno da mídia”. Essa profecia já se cumpriu. Atualmente muitos canais do YouTube têm mais audiência e visibilidade do que os canais da TV aberta.

As eleições presidenciais em 2018 no Brasil, o presidente eleito ganhou o pleito com grande campanha na internet; as postagens e divulgações, na maioria das vezes, eram realizadas através das redes sociais: YouTube, Facebook, WhatsApp e outros mecanismos de divulgação *online*. Outro fator relevante nessa campanha foi o uso de *fake news*, causando forte influência na decisão dos eleitores: uma manipulação de dados que merecia outra pesquisa e que causou desconforto para grande parcela da população. Mas precisamos aceitar os fatos e, sobretudo, continuar a viver e a lutar por dias melhores. Como bem disse Jorge Furtado (1995), tentando pensar a pergunta “por que fazer imagens?”. Em suas palavras: a “motivação dos hereges é a transformação do homem, podemos fazer imagens para transformar quem as vê e, em consequência, o mundo”. Para ele, a segunda dívida do mundo das imagens é com a palavra.

Nascidas juntas no teto da caverna, imagens e palavras traçaram caminhos próprios. E se hoje as imagens encontraram seu altar nas novas tecnologias do cinema e vídeo, a palavra continua tendo na literatura, especialmente na poesia, a sua catedral. As grandes descobertas de nossos antepassados, suas mais profundas visões do mundo que nos cerca e de nós mesmos nos foram deixadas como um tesouro de palavras. Perto desse tesouro, o mundo das imagens não passa de um punhado de moedas de cobre. Mas há uma geração inteira, ou quase inteira, que mal conhece o mundo das palavras, ou só conhece as palavras como escravas submissas da imagem. O mundo das imagens tem uma enorme dívida com a poesia. Penso ser esta também uma dívida pagável. A crescente qualidade das imagens e, mais uma vez, a multiplicidade de opções permitem uma maior experimentação de linguagens. Que essa busca aproxime palavras e imagens, na procura de uma poética da imagem (FURTADO - palestra proferida na mostra “A TV do futuro”, 1995).

Mikhail Bakhtin, em seu texto sempre atual, “Arte e responsabilidade” afirma que a ciência, a arte e a vida adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. Mas, segundo ele, essa relação pode também se tornar mecânica, externa; e isso é o que mais preocupa.

Segundo José Machado Pais (2005, p. 63), “nenhuma cidadania pode ser reivindicada quando o acesso à autonomia é vedado”. Para esse pesquisador, embora os jovens sejam considerados dependentes pela sociedade de forma geral, eles reclamam direitos e autonomias. O jovem vem conquistando essa autonomia nas redes sociais e principalmente na divulgação de vídeos no YouTube. As diferentes nomenclaturas usadas para identificar o jovem profissional que divulga vídeos no YouTube causa desconforto e repúdio por alguns produtores de conteúdo *online*. *Youtuber*, *booktuber*, influenciador digital ou resenhista de literatura? Percebo que para as palavras *youtuber* e influenciador digital agradam a publicadores de vídeos de diversos tipos de conteúdos: perfumes, cosméticos, brinquedos, jogos, maquiagem, produtos de cabelo e outros assuntos, mas quando se trata de livros, a discussão entra em outro dilema.

Uns preferem ser reconhecidos como *booktubers*, outros como resenhistas de literatura, por acreditarem que divulgam o conteúdo do livro e não apenas realizam a publicidade dele. Mas ser *youtuber* tem sido motivo de forte repercussão e retorno financeiro no Brasil e no mundo todo; atualmente muitos *youtubers* que antes divulgavam apenas livro hoje falam de atualidades, assuntos do cotidiano. O divulgador de livros não se reconhece no mesmo patamar que os outros *youtubers*, como se a arte literária fosse um conceito de arte com A maiúsculo. Como pensar o que é melhor? O que estará intrínseco nessa relação de alteridade? A divulgação de livros faz com que esses *youtubers* ocupem uma casta superior aos outros *youtubers*? Para tentar responder a essas questões, convido para esse diálogo Baudelaire, com seu poema em prosa *A perda da auréola*:

Olá! O senhor por aqui, meu caro? O senhor nestes maus lugares! O senhor bebedor de quintessências e comedor de ambrosia! Na verdade, tenho razão para me surpreender!

Meu caro, você conhece o meu terror de cavalos e viaturas. Agora mesmo, quando atravessava a avenida muito apressado, saltando pelas poças de lama, no meio desse caos móvel, aonde a morte chega a galope de todos os lados ao mesmo tempo, minha auréola, em um brusco movimento, escorregou de minha cabeça e caiu na lama do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Julguei menos desagradável perder minhas insígnias do que me arriscar a quebrar uns ossos. E depois, disse para mim mesmo, há males que vêm para o bem. Posso agora passear incógnito, cometer ações reprováveis e abandonar-me à crapulagem como um simples mortal. E eis-me aqui, igual a você, como você vê.

O senhor deveria, ao menos, colocar um anúncio dessa auréola ou reclamá-la na delegacia caso alguém a achasse.

Não! Não quero! Sinto-me bem assim. Você só me reconheceu. Além disso, a dignidade me entedia. E penso com alegria que algum mau poeta a apanhará e a meterá na cabeça descaradamente. Fazer alguém feliz, que alegria! E sobretudo uma pessoa feliz que me fará rir. Pense em x ou z. Hein? Como será engraçado.

Ampliando essa discussão, Bakhtin (2010) acrescenta que o sentido correto e não o falço de todas as questões antigas relativas à inter-relação entre arte e vida, arte pura etc. é o seu verdadeiro *pathos* apenas no sentido de que arte e vida desejam facilitar mutuamente a sua tarefa, eximir-se da sua responsabilidade, pois é mais fácil criar sem responder pela vida e mais fácil viver sem contar com a arte.

O professor de Português, o jornalista, o literato e o jovem estudante podem conversar no ambiente *online*, sobretudo nos canais do YouTube, sem muita hierarquia social. Acredito que por isso a relação construída possa ser tão tão horizontal e atinge o jovem de maneira mais eficiente que o discurso desses mesmos profissionais em outros espaços como a edição do jornal, a escola, ou até mesmo em uma simples conversa presencial. Como disse o jovem Juan, “no ambiente *online* eu tenho coragem de fazer perguntas que presencialmente eu teria medo de pagar mico”.

Outro fator importante que parece estar acontecendo com o YouTube é que esse suporte vem se tornando um instrumento importante para o mercado da publicidade e do consumo. Horta (2015), em sua tese de doutorado, *Lentes do design: as escolhas da geração Y*, pesquisou sobre as formas de consumo e os comportamentos dos jovens na atualidade. Segundo sua pesquisa, o consumidor vislumbra nos bens de consumo possibilidades de interação que vão além da simples necessidade de uso prático, mas as relações entre pessoas e objetos ou serviços, bem como suas escolhas de consumo, em meio a inúmeras possibilidades em oferta, com características funcionais semelhantes ou idênticas, mas imbuídas de significados distintos, e se tornam cada vez mais complexas com o desenvolvimento social e o passar do tempo. “Pessoas não compram produtos, mas significados. As pessoas usam coisas por profundas razões emocionais, psicológicas e socioculturais” (p. 37). Podemos, assim, perceber que da mesma forma que ocorre no acesso dos jovens aos conteúdos vinculados aos vídeos no YouTube, existe intensa, diversa e complexa relação entre criação, produção de bens e consumo.

Na escola sempre fui considerado um aluno com dificuldades na leitura. Lembro das inúmeras vezes em que minha mãe foi chamada na escola para ser orientada como me ajudar a ler em casa e os encaminhamentos que trazia para que eu fosse encaminhado para psicólogos, fono e outros médicos. Sempre quis aprender a ler, mas ler mesmo, achava que isso iria me tornar cidadão de fato. Hoje compreendo que sei ler não os textos da escola, mas os textos e livros apresentados na internet e que a internet pode ajudar a me tornar um leitor a cada dia melhor (Cristian, 17 anos).

Esse depoimento é de um estudante da turma HV2 da E. M. Paulo Reglus Neves Freire, uma turma composta por alunos que apresentam defasagem idade/série; frequentando essa turma, os alunos podem cursar dois anos de escolaridade em apenas um ano letivo – é equivalente ao antigo supletivo. A HV2 atende a estudantes do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Pelo depoimento do Cristian percebemos que os textos e conteúdo publicados na rede parecem dialogar melhor com os jovens do que os textos nos moldes canônicos.

A palavra cidadão tem origem no latim *civitas*, que quer dizer: “aquele que habita a cidade”, ou seja, implica um percurso. Nos dias de hoje, podemos dizer que a expressão cidadão nos interpela como habitantes da cidade e cidadãos do mundo, exploradores de novos modos de vida. Nesse sentido, quando as fronteiras entre o local e do global se misturam, cada vez mais estreitamente, as mudanças repercutem sobre a expressão e a participação cidadã.

Se os textos da contemporaneidade vêm se modificando ao longo dos tempos, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramentos atuais também não podem ser as mesmas. O fato é que o contato com o texto vem se modificando a partir das práticas digitais; o acesso à literatura também. As novas tecnologias permitiram aos sujeitos da periferia ampliar o contato com a literatura, antes restrita aos grupos de poder. Nesta seção apresento alguns depoimentos dos jovens que relatam experiências com a literatura antes do YouTube. Rojo (2009), em pesquisa divulgada em seu livro *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*, descreve que, contrariamente ao propalado, o brasileiro lê, gosta de ler, quando pode, para se distrair. Só não lê o que a cultura valorizada e a escola esperam que leia. Os dados mostram que 67% dos entrevistados de diferentes classes sociais, gêneros e escolaridade gostam de ler e, como era de se esperar, há relação direta entre escolarização e gosto pela leitura. Quais livros as pessoas possuem e leem? Da amostra, 65% possuem dicionários. Surpreendentemente, 34% dos analfabetos têm dicionário em casa, 59 possuem livros didáticos, 58% têm livros infantis e 35%, enciclopédias.

Nessa pesquisa, a literatura não foi um gênero citado como instrumento de uso dos leitores brasileiros. No entanto, aproximadamente uma década depois, sobretudo com a ampliação do acesso à internet e pela influência dos canais divulgados no YouTube, aumentou o número de pessoas (principalmente de jovens) interessadas em ler, conhecer novos livros, manter-se informadas sobre o que circula no mercado literário, sobre o conteúdo de livros que ganham repercussão nos diferentes campos da cultura e do marketing (acessórios, filmes e outros).

São muitos os caminhos de formação, existe uma multiplicidade de percursos e experiências vividas para nos tornarmos leitores. Como caminho para esta investigação; propus aos jovens (sujeitos da pesquisa) uma roda de conversa sobre literatura e internet. Com esse propósito, reunimo-nos na sala de leitura da escola para conversar sobre o tema. Disse aos alunos que a metodologia utilizada para os nossos encontros seria a “conversa”; esse procedimento teórico e metodológico vem sendo utilizado por alguns grupos que buscam com essa prática criar um lugar de encontro em que os sujeitos possam reinventar a si e às suas realidades mediante o compartilhamento da palavra. Para Andréa Serpa,

as conversas, metodologia bastante utilizada nos processos de leitura e intervenção comunitária, consistem em um método de participação coletiva de debates acerca de uma temática, através da criação de espaços de diálogo nos quais os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. Tem como principal objetivo motivar a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da socialização de saberes e da reflexão voltada para a ação. Envolve, portanto, um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre os envolvidos nessa metodologia (SERPA, 2010, p. 3).

As conversas foram gravadas em acordo com os participantes; para falarmos sobre o assunto, realizamos a roda de conversa. Foram tardes agradáveis e muito importantes não apenas para o processo de pesquisa, mas também para mim, como sujeito, que também me identifico com as histórias relatadas pelos jovens, tendo em vista que eles, assim como eu, tiveram poucas experiências positivas com a literatura no contexto escolar. Por alguns relatos, acredito que, para os jovens participantes, as tarde e as experiências compartilhadas pelo grupo também foram agradáveis.

Renan: Foi tão bom este encontro! Nós vamos continuar nos encontrando para contar as nossas experiências?

Pesquisadora: Vai depender da disponibilidade de vocês.

Renan: Eu adoraria, às vezes eu não me sinto parte integrante da escola e no grupo me senti à vontade para falar.

Pesquisadora: Eu vou adorar ouvir e conversar com vocês e vai ser ótimo continuarmos conversando.

Como professora que pesquisa o cotidiano escolar, sempre acreditei no diálogo como lugar onde os sujeitos se assumem como narradores e compartilham experiências. “A experiência, a narrativa e o diálogo são para mim indissociáveis e complementares, os fios que formam o tecido da pesquisa, assim como acredito no processo ensino-aprendizagem” (SERPA, 2010, p. 4). Nesse movimento de interlocução com as experiências que vão sendo compartilhadas pelo grupo, o diálogo surge como lugar de tecitura, onde é permitido relacionar as diferentes narrativas e experiências e refletir sobre elas. Benjamin (apud SERPA, 2010) afirma que a experiência é a fonte em que os narradores bebem experiências que vão se constituindo tanto no conhecimento adquirido ao longo de anos de permanência em certo lugar como naquele adquirido no caminhar pelo mundo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, AINDA QUE PROVISÓRIAS

Este estudo vem compreendendo que a complexidade da experiência moderna exige novos paradigmas para explicar o tempo presente. Quanto mais complexa se torna a experiência cotidiana, maior a necessidade de construir formas mais sofisticadas de investigação que levem em conta a crescente pluralidade de estilos, de comportamentos e atitudes em meio a essa aceleração do tempo e das formas de se comunicar. Foucault (2007), em seu livro *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas* ensina que, para falar do homem, é necessário antes

e sobretudo se debruçar sobre a linguagem – e é isso que esta pesquisa tem procurado fazer: assistir aos vídeos, dialogar com os conteúdos exibidos para buscar indícios que possam contribuir para compreender esse fenômeno midiático que tem levado adolescentes e jovens a assistir, a ler e a querer comprar livros. É importante atentarmos de que esses jovens estão divulgando a literatura juvenil de forma intencional, mas num canal aberto da internet que exige que esteja conectado para assistir e que tenha predisposição para ver e conhecer o conteúdo exibido.

Para Bakhtin (2009), a língua existe e evolui historicamente; cada época tem sua linguagem, a linguagem de seus povos, de sua cultura, de suas profissões e de suas instituições sociais. Esse autor sabiamente nos conduz a ver que podemos nos surpreender com os efeitos da linguagem contemporânea. Sendo professora da escola básica há mais de 20 anos, nunca acreditei que vídeos do YouTube apresentando resenhas literárias pudessem fazer tanto sucesso entre os jovens e adolescentes, principalmente jovens que na escola parecem não apresentar bons resultados escolares.

Com esta investigação, venho descobrindo que para conhecer o quanto as novas tecnologias estão contribuindo para a formação intelectual e social de nossos jovens é preciso uma “escuta sensível” (BARBIER, 1992) e o entendimento de que, como professora, nada sei sobre meus alunos e principalmente sobre a cultura em que eles estão inseridos. Sei que, para conhecer um pouco da cultura desses jovens, um estudo sobre eles não daria conta, e é por isso que esta pesquisa vem buscando uma pesquisa com eles. Ver e analisar somente à luz das teorias não permitiria a compreensão dos sentidos que esses vídeos remetem aos jovens da atualidade. Por que esses canais são tão visualizados e têm tantos inscritos? Eu tenho algumas pistas e hipóteses de por que isso acontece, mas ainda não tenho respostas e muito menos a compreensão do significado dessa prática para esses jovens.

Este estudo vem me proporcionando conhecer a trajetória e a inserção de alguns jovens na literatura e vem contribuindo para o entendimento de que nada sei sobre os jovens que estão na escola e fora dela e que preciso mais do que ouvi-los; preciso realmente escutá-los para repensar alguns formatos institucionais que parecem estar consolidados.

Defendo que este estudo necessita de continuidade para compreender por que os canais literários vêm se tornando uma possibilidade concreta de letramento para muitos jovens e porque são mais atraentes e de melhor compreensão que os cânones escolares. Por que muitos *youtubers* estão desistindo de canais de literatura e estão adotando outros produtos para lançar em seus canais? Qual o impacto desse fenômeno entre os jovens que curtem esse conteúdo na rede? Que pistas os jovens imersos nesse universo dos canais podem fornecer à educação, que podem contribuir para a educação? Por entender que muitas questões ainda necessitam ser aprofundadas é que percebo a necessidade da continuidade desta investigação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 2010.

BARBIER, René. A escuta sensível em educação. **Revista da Anped**, Caxambu, n. 5, set. 1992.0

BAUDELAIRE, Charles. **A perda da auréola**. Disponível em: <http://pequenospoemasemprosa.blogspot.com/2011/01/perda-da-aureola.Acesso> em 05 de abril de 2019.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad., apresentação e notas de Marcus Vinícius Mazzari; posfácio de Flavio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal. 1984.

FURTADO, Jorge. **A mágica da imagem**. 1995. Disponível em: <http://www.casacinepoa.com.br>. Acesso em 05 jan. 2019.

HORTA, Anderson Antônio. **Lentes do design: as escolhas da geração Y**. 272f. Tese (Doutorado em Arte e Design). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

PAIS, José Machado. Jovens e cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, p. 53-70, 2005.

QUEIROZ, Hélen A. **A poesia em territórios improváveis: jovens de periferia em cena**. 245f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SERPA, Andréa. Conversas: caminhos da pesquisa com o cotidiano. <http://www.andreaserpauff.com.br/arquivos/artigos/CONVERSAS%20CAMINHOS%20DA%20PESQUISA%20COM%20O%20COTIDIANO.pdf>. Acesso em 09 de abril de 2019.

<https://www.google.com/search?q=filme+nitsch+que+conta+a+história+de+um+menino+com+dificuldades+para+aprender+a+ler&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=XyHvDcvRIkOceDAUgn8>. Acesso em 07 jan. 2019.